

Editorial

Dos ortopedistas e pilotos

Algumas profissões são de muita responsabilidade, e esta responsabilidade é o que mais pesa no exercício dessas profissões.

Na maioria das vezes, o profissional não é quem provê os elementos necessários para que a qualidade do serviço que prestará seja a ideal, mas cabe a ele julgar a adequação daquilo que lhe é fornecido para aceitar a responsabilidade da execução.

O piloto de avião é um desses profissionais, pois, a cada viagem, depende dele a vida de várias pessoas, que, ao utilizarem o serviço por ele comandado, não estão procurando risco de vida, mas apenas transporte.

O modelo do avião é escolhido por uma decisão político-econômica da companhia – da qual ele não participa –, o estado do avião é mantido por uma equipe de mecânicos – que ele desconhece, mas que precisa confiar, pois uma falha na manutenção pode ser desastrosa.

A gasolina é abastecida em cada aeroporto, e também deve ser de máxima confiança pelas óbvias razões.

E, assim, as rotas, os aeroportos, os operadores de torres de aterrissagem.

Ao piloto cabe apenas julgar todos esses serviços e aceitá-los ou vetá-los.

O poder de veto é fundamental para o exercício de sua atividade.

Toda a imensa infraestrutura montada para um avião decolar e transportar passageiros esta condicionada à aprovação de um indivíduo: o responsável, o piloto.

A nossa atividade se assemelha muito a de um piloto. Talvez a diferença esteja no número de pessoas e no fato de que a nossa vida, a princípio, não está envolvida no ato cirúrgico.

A qualidade do hospital, sua assepsia e os cuidados de enfermagem, embora não sofram direto a nossa influência, são de nossa responsabilidade. Qualquer falha em um ponto dessa cadeia será atribuída ao médico. Nunca ninguém perdoará uma infecção se nós atribuirmos a causa a uma falha no sistema de esterilização.

Os cuidados na sala de cirurgia, a enfermagem envolvida e o instrumental básico não são escolhidos segundo nossa orientação, mas são de nossa responsabilidade, pois qualquer falha decorrente de qualquer um desses itens será atribuída ao cirurgião responsável.

Quanto à escolha do material cirúrgico e aquele a ser implantado, nem cabe comentário.

Não sei se pilotos devem escolher entre três opções de gasolina para saber qual vai ser liberada, ou só podem voar num determinado avião após autorização de alguém que desconhece aviões, ou se alguns aeroportos podem ser utilizados por determinados passageiros e por outros não. Será que no uso de algum equipamento tem, na cabine de comando, algum funcionário da empresa que fornece o equipamento orientando e sugerindo outros?

Acredito que não há este tipo de interferência no exercício da profissão de piloto, mas tenho certeza que se houvesse não aceitariam nenhuma dessas opções. Exigiriam as melhores condições para preservar a vida de seus passageiros e a sua.

Nós, ao aceitarmos hospitais em condições inadequadas e seleção de materiais baseada em qualquer critério que não seja o nosso, colocamos em risco nossos pacientes e a nossa vida profissional.

Nas duas profissões, a responsabilidade é pessoal e intransferível, não há ética institucional, só pessoal.

Os pilotos se submetem a constantes treinamentos em simuladores e a rigorosos exames médicos periódicos para exercerem a sua responsabilidade.

Para aceitarmos a nossa responsabilidade tivemos um longo histórico de formação acadêmica, uma residência médica penosa e difícil, um exame de seleção rigoroso e uma constante educação continuada. Aprimoramos nossa responsabilidade a cada congresso, a cada artigo que lemos, a cada caso que discutimos e a cada opinião que ouvimos.

Não podemos, sob nenhuma hipótese, fazer concessões. Ninguém tem poder e é capaz de contestar o nosso julgamento, pois o responsável tem autoridade de escolher e selecionar tudo aquilo pelo qual responderá, este é um preceito legal.

Assim como esperamos que os pilotos exercerão sua responsabilidade com o maior rigor, vamos exercer a nossa.

E boa viagem.

Gilberto Luis Camanho